

O ato de fala descortês irônico na rede social digital Facebook

Katiuscia Cristina Santana¹

Resumo: Embora as manifestações de cortesia e de descortesia venham sendo estudadas no âmbito da conversação face a face e na conversação virtual, percebe-se ainda uma lacuna nos estudos no que diz respeito à descortesia, sobretudo no mundo virtual. Nota-se a ausência de um estudo dos elementos verbais e dos não-verbais nas interações *on-line* que desencadeiam a descortesia. Como critério de escolha do *corpus* neste artigo, buscaram-se exemplos de descortesia provenientes do uso da ironia em um grupo da rede social Facebook e, com base nos exemplos, percebeu-se a necessidade de discutir o Princípio de Cortesia e das Estratégias Gerais da Cortesia de Leech (1983; 2014). Por meio da análise de alguns exemplos, observou-se que o uso da ironia na interação é um fator crucial para manifestações descorteses na interação. Para compreender a dinâmica de uma conversação virtual, encontramos amparo teórico na Teoria dos Atos de Fala, de Austin (1990 [1969]) e de Searle (2002 [1979]) e do Princípio de Cooperação de Grice (1982 [1975]). Assim, a Pragmática fornecerá o suporte teórico para este artigo, já que considera a linguagem como uma ação e como produto de uma intenção dentro de um contexto sociocultural e situacional específico.

Palavras-chave: Descortesia. Interação. Rede social digital.

Introdução

O advento da internet e de novas formas de comunicação têm mudado a relação estabelecida entre o sujeito e o mundo. Neste sentido, as redes sociais na internet surgem como uma nova possibilidade de participação e interação social, onde tempo e espaço se confundem. Entre as redes sociais digitais mais populares no Brasil, encontra-se o *Facebook*. Trata-se de uma rede social virtual que conecta pessoas e empresas do mundo inteiro por meio de perfis institucionais e perfis de pessoas. Os usuários criam um perfil e produzem conteúdo, e a rede social digital possibilita que os participantes publiquem ou republiquem mensagens pessoais, notícias ou imagens. Desta maneira, as redes sociais virtuais criam um ambiente cooperativo de interação, onde a troca comunicativa e a construção de laços sociais são instauradas. Partindo da premissa segundo a qual a

¹ Doutora em Letras pelo departamento de Letras Clássicas e Vernáculas na área de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. Atua principalmente nos seguintes temas: Análise da conversação, Sociolinguística Interacional, Pragmática, Análise Crítica do Discurso e Ensino/Aprendizagem de Língua Portuguesa e de Língua Francesa. São Paulo, Brasil. E-mail: kathycris@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0003-1355-8831>

comunicação mediada pelo computador se assemelha à conversação real, discutiremos a presença da descortesia na interação virtual à luz da Pragmática. Observamos que a conversação virtual também é guiada por rituais comunicativos semelhantes à conversação face a face, entretanto é mais dependente do contexto específico de interação, uma vez que a interpretação de uma mensagem depende do contexto específico de comunicação e do efeito causado no receptor. O receptor virtual deve, assim, mobilizar sua competência linguística e cultural para interagir de maneira bem-sucedida na rede social digital.

Para que a interação obtenha sucesso, muitas vezes é necessário o emprego da cortesia. A cortesia é um fenômeno pragmático que surge na interação comunicativa para assegurar a harmonia entre os interlocutores, visto que há um objetivo comunicativo entre eles. No Brasil, muitos trabalhos de linha anglo-saxã adotam o termo "polidez" como a tradução do termo *politeness*, assim como ocorre com pesquisas provenientes dos estudos de Diana Bravo e Antonio Briz na Espanha, em que "cortesia" é a tradução adotada do termo espanhol *cortesía*. Na literatura científica de estudos pragmalinguísticos, alguns autores, no entanto, fazem distinção entre os termos "polidez" e "cortesia". Para Bentes & Villaça (2008), ambos os termos estão relacionados ao princípio de cooperação e à distribuição igualitária dos direitos dos falantes, mas a cortesia deve ser entendida como a dimensão subjetiva das práticas de linguagem. Neste sentido, o cuidado, a generosidade e o afeto fariam parte de uma atitude cortês por parte do sujeito em relação ao seu interlocutor. A polidez, por sua vez, estaria mais ligada às normas, às convenções e aos princípios gerais que regem uma interação em culturas e sociedades específicas. De acordo com as autoras, a polidez seria uma prática regida por convenções sociais mais gerais, envolvendo a tomada de turnos em uma conversação, as formas de tratamento e a obediência às regras gerais de uma troca comunicativa. Entretanto, muitos autores, entre os quais nos inserimos, não fazem a distinção entre os termos "polidez" e "cortesia" e os consideram como sinônimos, assim como os fenômenos da descortesia/impolidez.

Diferentemente da cortesia, a interação descortês rompe com a harmonia conversacional para dar espaço a um conflito na relação social. Em geral, as pessoas agirão com descortesia se houver, ao menos, algum motivo para tal, pois há diferentes tipos e situações em que a descortesia predominará mais que a cortesia, assim como haverá contextos em que a cortesia é esperada. É importante salientar que a interpretação da descortesia

depende do interlocutor, pois é ele quem julga o efeito perlocutivo do ato de fala, independentemente do objetivo comunicativo do locutor.

Com base nos estudos de Austin (1990 [1969]) e Searle (2002 [1979]) e levando em consideração a situação comunicativa dentro de um contexto específico, consideramos neste trabalho o termo atos de fala descorteses em situações em que a descortesia impera em um ato ilocutório. Este conceito leva em consideração a explícita intenção do locutor ou interlocutor no ato comunicativo de ser descortês e isso, muitas vezes, gerará também por parte do interlocutor um ato perlocutório descortês. Logo, os atos de fala descorteses afetam tanto o emissor quanto o receptor. Sendo assim, o estudo dos atos de fala nos traz as ferramentas de análise dentro da interação conflituosa. É necessário considerar o contexto da situação e os elementos extralinguísticos presentes no ato comunicativo, além do contexto sociocultural, que indica o comportamento adequado ou inadequado de acordo com as circunstâncias da troca comunicativa. Também é possível considerar o contexto sob o enfoque sociolinguístico, considerando informações como tempo, espaço, gênero, hierarquia, classe social e idade dos participantes.

1. Metodologia

Objetivamos discutir, sobretudo, a manifestação da descortesia proveniente do uso de ironia em um grupo na rede social *Facebook*. Trata-se de um grupo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, a FFLCH/USP. O grupo foi criado com o intuito de reunir alunos e ex-alunos da faculdade de Letras da USP, ou seja, muitos participantes podem ou não se conhecer pessoalmente, uma vez que a cada ano ingressam mais de oitocentos alunos no curso de Letras, nos períodos matutino e noturno. Atualmente, o grupo conta com aproximadamente doze mil integrantes no ano de 2019. O grupo, além de ser usado como um espaço de pedidos e de resolução de dúvidas entre os alunos e ex-alunos, também é conhecido por vários desentendimentos entre os participantes, fato que o deixou conhecido popularmente entre os alunos como Tretas/ USP. Foram selecionados dois exemplos que se destacaram pelo uso da ironia e, conseqüentemente, desencadearam a descortesia por parte dos participantes do grupo. Os exemplos foram extraídos da rede social digital de forma integral, o que justifica a diferença de extensão entre uma interação e outra.

Para fins de análise, serão ocultados os prenomes, os sobrenomes e as fotografias do perfil dos participantes das interações, no entanto, manteremos a primeira letra dos prenomes. Caso a mesma letra se repita na mesma interação, a próxima letra do nome será transcrita.

2. A Pragmática e o estudo da interação linguística

A conversação é uma atividade linguística rotineira e um ato de interação social. É por meio dela que construímos laços em sociedade, responsáveis pelo estabelecimento da boa convivência entre os seres humanos. Conforme Silva,

Por meio dela, os indivíduos se comportam como seres sociais, isto é, relacionam-se com outras pessoas e procuram conseguir seus propósitos, conversando; rompem relacionamentos, conversando ou deixando de conversar. A conversação possibilita o trabalho cooperativo e implementa as relações sociais. (SILVA, 2005, p.32)

Logo, a conversação se torna também objeto de estudo, em especial, pelos filósofos da linguagem. Neste sentido, um dos estudos precursores em relação à estrutura conversacional é o de Grice (1982 [1975]), que propõe um modelo para explicar a conversação, sobretudo o tipo de contraste entre a lógica e a inferência. Grice (1982 [1975]) desenvolveu o Princípio de Cooperação, defendendo que as contribuições conversacionais dos interlocutores devem ser adaptadas ao tipo e ao objetivo da troca comunicativa. Ele sustenta que a conversação se estabelece como uma espécie de acordo pelo qual os interlocutores cooperam para que a troca comunicativa seja eficaz e satisfatória. Esse princípio engloba as categorias de quantidade, qualidade, relação e modo. Essas máximas podem ser respeitadas ou não, de forma que conduzam a estratégias de cortesia. Cada falante² deve ser consciente de sua posição nesse jogo interacional para que a troca comunicativa seja equilibrada.

Grice (1982 [1975]) também prevê que o falante fará um esforço para responder ao que foi dito, o que ele denomina implicatura. A implicatura é a informação implicada ou

² Neste artigo, consideramos os termos "falante", "locutor" e "emissor" como sinônimos.

inferida pelo interlocutor a partir de um proferimento em uma situação de fala. Seria o equivalente à sugestão e à insinuação na linguagem. A implicatura está na base de um subentendido e, sendo assim, ela é dependente do contexto, uma vez que o interlocutor³ deve ser capaz de compreender a informação implícita. De acordo com Armengaud:

A implicatura não tem vínculo nem com os valores de verdade, nem com a forma linguística. Ela não é nem lógica no sentido estrito, nem linguística. É discursiva e contextual. Reside naquilo que é “pensado” a partir, ao mesmo tempo, do que é dito e da situação em que é dito, situação que não é a do falante apenas, mas a situação comum a dois (ou a vários) interlocutores. (ARMENGAUD, 2006, p. 88)

Para Grice (1982 [1975]), há dois tipos de implicaturas, a primeira está restrita ao próprio texto e são denominadas de convencionais e, a segunda, o autor denomina de conversacional e está ligada à boa compreensão da mensagem, o que pode mobilizar o conhecimento de mundo e do contexto por parte do receptor. Grice (1982 [1975]) desenvolve o conceito de implicatura, pois, para ele, há diretrizes para tornar a conversação eficaz e cooperativa com o uso da língua. Ele estabelece, assim, máximas básicas da conversação para nortear o comportamento dos interlocutores a fim de tornar a interação relevante e eficiente. Em relação ao princípio cooperativo, Grice afirma: “[...] faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado.” (GRICE, 1982 [1975]), p. 86).

Para poder interpretar um enunciado, é necessário compreender o efeito que o emissor quer causar em seu receptor. Assim, a decodificação de uma mensagem será bem-sucedida caso o receptor considere toda a situação comunicativa, compartilhe das mesmas informações de seu interlocutor e de sua competência linguística, principalmente em casos em que ocorre o uso de ironia. Isso é muito frequente nas redes sociais digitais, pois, embora tenhamos aspectos da língua oral na escrita, os recursos oferecidos pela rede virtual não suprem totalmente ainda a dinâmica de uma interação face a face. Nesta, os interlocutores podem

³ Neste trabalho, consideramos os termos "interlocutor", "receptor", "ouvinte" e "destinatário" como sinônimos. Não empregaremos, no entanto, os termos "falante" e "ouvinte" na interação virtual. Os termos "falante" e "ouvinte" são utilizados, neste trabalho, quando se referem aos estudos de interação face a face, pois são termos utilizados pelos principais teóricos abordados nesta pesquisa.

fazer uso tanto de recursos verbais quanto não-verbais, como entonação, gestos faciais e corporais para chamar atenção de seu destinatário. Embora na escrita tenhamos vários recursos gráficos para substituir esses elementos extralinguísticos, em muitos casos, a interpretação de uma mensagem pode não ser bem-sucedida. Pode acontecer de um interlocutor se sentir ofendido, mesmo que esta não tenha sido a intenção do emissor. Neste sentido, Silva afirma:

Quando duas ou mais pessoas se reúnem, diversos podem ser os objetivos que justificam tal interação. Um dos aspectos fundamentais da conversação é a interação comunicativa entre seus participantes. Com esse propósito, os interactantes adotam uma diversidade de atitudes que apontam para diferentes perspectivas com as quais o locutor e o interlocutor podem coincidir, aproximar-se ou distanciar-se. O êxito da comunicação depende da seleção de formas linguísticas adequadas ao intento ou à situação do interlocutor. (SILVA, 2008, p. 157)

Para Grice (1982 [1975]), o princípio de cooperação consiste em dar sua contribuição de maneira solicitada na troca comunicativa. Nas redes sociais digitais, por sua vez, a cooperação acontece de maneira coletiva, mas, muitas vezes, de forma conflituosa, com desacordos e ameaças verbais. Os participantes que interpretam um enunciado reconstruem o sentido a partir de pistas presentes na interação, mas, em muitos casos, há um problema de mal-entendido na comunicação virtual devido à falta de elementos paralinguísticos no processo de enunciação. Sendo assim, muitos interactantes produzem enunciados com alguma intenção específica, porém, muitas vezes, não geram o efeito esperado no interlocutor. Como a conversação virtual também é cooperativa e coletiva, outros participantes podem colaborar para o bom entendimento da mensagem, e o emissor também pode editar ou reformular a sua publicação para que o processo da troca comunicativa seja bem-sucedida, uma vez que o suporte escrito permite isso.

Ainda em se tratando de elementos linguísticos relevantes nos processos de troca comunicativa, um dos principais estudiosos da intenção do falante foi o filósofo da linguagem, John Austin (1990 [1969]). Seu objetivo não era apresentar uma concepção teórica sobre a natureza e a função da linguagem, mas propor um método de análise de problemas filosóficos do uso da linguagem por ele entendida como forma de ação. Austin

(1990 [1969]) sustenta que a linguagem não só descreve a realidade, mas também sinaliza a intenção do emissor.

Com base em Austin (1990 [1969]), Searle (2002 [1979]), igualmente filósofo da linguagem, apresenta outra abordagem das categorias dos atos de fala, em que ele tenta definir as Condições de Felicidade desses atos. Ele estuda também a intenção dos falantes em uma interação e como essa intenção tem a possibilidade de modificar uma situação em curso. Searle (2002 [1979]) acrescenta que uma proposição pode ser interpretada diferentemente de um sentido literal, de acordo com as circunstâncias e propósito da enunciação, tais como os atos de fala indiretos, como a metáfora e a ironia. Esses estudos podem colaborar com a teoria da descortesia, já que um simples enunciado pode ser interpretado como uma ordem, uma ameaça ou uma intimidação, de acordo com o contexto de interação. Uma enunciação descortês, por exemplo, pode estar diretamente ligada à intenção comunicativa ofensiva ou ameaçadora por parte do emissor. Desta forma, o fenômeno da descortesia está ligado à noção de contexto, que inclui também aspectos extralinguísticos, além das particularidades dos interactantes no ato de fala.

Além de Searle (2002 [1979]) ter realizado uma nova abordagem em relação ao estudo de Austin (1990 [1969]), ele acrescenta à sua teoria a possibilidade de um ato de fala se realizar de uma maneira indireta, isto é, são atos de fala realizados não mais diretamente, mas sim por outros atos. Uma aparente pergunta pode se comportar, em um determinado contexto interacional, como um pedido, ou seja, a intenção do locutor se dá de maneira velada. Segundo Searle (2002 [1979]), alusões, insinuações, ironias e metáforas não são tão simples de depreender. Neste sentido, o autor afirma:

O problema levantado pelos atos de fala indiretos é o de saber como é possível para o falante dizer uma coisa, querer significá-la, mas também querer significar algo mais. E já que a significação consiste, em parte, na intenção de produzir no ouvinte a compreensão, grande parte desse problema é saber como é possível para o ouvinte compreender o ato de fala indireto quando a sentença que ouve e compreende significa algo mais. (Searle, 2002 [1979]), p. 49)

Os atos de fala considerados diretivos por Searle (2002 [1979]), por exemplo, invadem o território pessoal do interlocutor e nesta categoria encontram-se as ordens, proibições, conselhos, pedidos e perguntas. É por meio de um ato diretivo que o locutor espera que seu interlocutor faça coisas. Isso já coloca em jogo a imagem entre locutor-interlocutor, uma vez que o locutor coloca em risco sua autoestima, podendo receber críticas, insultos e discordâncias. A pergunta indireta soa, então, menos agressiva e mais polida que uma pergunta direta, uma vez que pressupõe que o interlocutor pode saber, ou não, respondê-la. Daí a importância de um trabalho cooperativo na troca comunicativa, uma vez que o interlocutor deve ter a habilidade de fazer inferências a partir das pistas de contextualização que o locutor oferece na interação e ainda compartilhar informações prévias. Ainda para Searle:

(...) em atos de fala indiretos, o falante comunica ao ouvinte mais do que realmente diz, contando com a informação de base, linguística e não linguística, que compartilhariam, e também com as capacidades gerais de racionalidade e inferência que teria o ouvinte. (SEARLE, 2002 [1979]), p. 50)

Com o advento dos estudos interacionistas, sustenta-se que a linguagem é um meio de influenciar a conduta do interlocutor na troca comunicativa, além de ser um trabalho cooperativo entre locutor e interlocutor, com a devida alternância de papéis entre eles. Por meio dos estudos dos atos da linguagem, percebe-se que muitos atos de fala são empregados de maneira indireta, a fim de se evitar um ataque à imagem do interlocutor e, conseqüentemente, um conflito na interação. Nossa tarefa será estudar essa abordagem dos atos indiretos em um contexto *on-line*, onde, muitas vezes, não há o suporte paralinguístico e extralinguístico entre os interactantes da rede e nem sempre os participantes das redes sociais digitais se conhecem entre si. Desta forma, os atos indiretos, em vez de serem uma estratégia de cortesia, tornam-se, em muitos casos, uma estratégia de ataque. Metáforas e ironias nem sempre são compreendidas de imediato na rede social digital e, em muitos casos, o interlocutor se encontra em uma posição vulnerável, dependente do emissor para o esclarecimento do enunciado ou de outros participantes da rede social digital que conseguiram inferir o significado do enunciado em questão.

Para Brown & Levinson, um dos objetivos centrais de um evento interacional seria evitar a produção de atos ameaçadores à imagem do interlocutor ou atenuar esse tipo de realização. Em uma interação, preservar a face, a imagem pública do interlocutor, torna-se, assim, uma tarefa importante. Para os pesquisadores, este tipo de ato foi nomeado como ato de ameaça às faces, do inglês FTAs, *Face Threatening Acts*. Todas essas discussões sobre interação culminam com o estudo da cortesia, visto que a cortesia é um fenômeno social assim como a conversação em si. Trata-se de uma estratégia conversacional inerente às trocas cooperativas entre os interactantes para manter uma imagem. É com base no trabalho de Brown & Levinson (1987 [1978]) que outros teóricos desenvolvem os estudos de cortesia.

Leech (1983; 2014), por exemplo, ancora-se nesses estudos de Brown & Levinson e dos Filósofos da Linguagem para elaborar um Princípio de Cortesia complementar ao princípio cooperativo estabelecido por Grice (1982 [1975]). Leech se aprofunda nas teorias para compreender a motivação do falante que não coopera com as máximas de Grice e, deste estudo, surge o Princípio de Cortesia em sua publicação *Principles of Pragmatics*, mais tarde rediscutida no livro *The Pragmatics of Politeness*. De acordo com Leech:

O Princípio da Polidez ou Cortesia (PP) — análogo ao CP [Princípio de Cooperação] de Grice — é uma condição observada no comportamento comunicativo humano, influenciando-nos a evitar discórdia ou ofensa comunicativa, e manter ou reforçar a concordância comunicativa ou a cortesia. O que eu quero dizer com "discórdia comunicativa" é uma situação em que duas pessoas, x e y, podem ser assumidas, com base em quais significados foram comunicados, para entreter objetivos mutuamente incompatíveis. (Tal discórdia pode se espalhar em formas mais ameaçadoras de discórdia, como agressão verbal e conflito físico.) [...] A polidez também é um aspecto do comportamento orientado a objetivos; dizer que S está sendo "educado" em usar um enunciado particular é dizer que o objetivo de S em usar esse enunciado é, em algum grau, para transmitir uma impressão da polidez para O. No entanto, a polidez preocupa-se em evitar discórdia e promover a concordância, apenas na medida em que estas se manifestam através da comunicação, especialmente através de quais significados são expressos ou implicados⁴. (LEECH, 2014, p. 87-88, *tradução nossa*).

⁴ No original: The Principle of Politeness (PP)—analogous to Grice’s CP—is a constraint observed in human communicative behavior, influencing us to avoid communicative discord or offence, and maintain or enhance communicative concord or comity. What I mean by “communicative discord” is a situation in which two people, x and y, can be assumed, on the basis of what meanings have been communicated, to entertain mutually incompatible goals. (Such discord can spill over into more threatening forms of discord, such as verbal aggression and physical conflict.) [...] Politeness is also an aspect of goal-oriented behavior; to say that S is being “polite” in using a particular utterance is to say that S’s goal in using that utterance is, in some degree, to

Para Leech (1983), o falante se denomina S, *self ou speaker*, (doravante falante ou locutor) e é ele que ocupa o turno da fala; o ouvinte, H, *hearer* (doravante interlocutor) e O, o Outro, que seria também um interlocutor, um interlocutor geral. O importante desta perspectiva é o fato de que esse "Outro" pode ser um destinatário direto ou indireto e isso vai ao encontro de nosso estudo, uma vez que no mundo virtual há vários "outros"; um emissor pode ter um receptor direto ao qual dirige a palavra e um receptor indireto que apenas acompanha a conversa e que pode, eventualmente, participar.

O Princípio de Cortesia de Leech (1983) acontece de acordo com uma escala de custo-benefício. Quando alguém deseja ser cortês, tentará beneficiar o interlocutor de alguma forma. O interactante deve demonstrar simpatia, tato e aprovação. Leech (1983) também faz um estudo semelhante ao de Brown & Levinson, porém ele afirma que os conceitos de cortesia positiva e negativa dos dois teóricos são confusos.

Assim, a cortesia é um fenômeno pragmático que surge na interação comunicativa para assegurar a harmonia entre os interactantes, visto que há um objetivo comunicativo entre eles. Trata-se de uma estratégia para manter uma relação harmônica e colaborativa do ponto de vista pragmalinguístico e sociopragmático.

Tal como já mencionamos, é importante salientar que a interpretação da cortesia ou da descortesia depende do interlocutor, pois é ele quem julga o efeito perlocutivo do ato de fala, independentemente do objetivo comunicativo do locutor. Neste sentido, Silva afirma:

Quando duas ou mais pessoas se reúnem, diversos podem ser os objetivos que justificam tal interação. Um dos aspectos fundamentais da conversação é a interação comunicativa entre seus participantes. Com esse propósito, os interactantes adotam uma diversidade de atitudes que apontam para diferentes perspectivas com as quais o locutor e o interlocutor podem coincidir, aproximar-se ou distanciar-se. O êxito da comunicação depende da seleção de formas linguísticas adequadas ao intento ou à situação do interlocutor. (SILVA, 2008, p. 157)

convey an impression of politeness toward O. However, politeness is concerned with avoiding discord and fostering concord, only insofar as these are manifested through communication, especially through what meanings are expressed or implicated.

A descortesia surge, sobretudo, quando violamos as normas do considerado correto e atacamos a imagem do outro. Criamos, assim, um ambiente de conflito, que pode ser consciente ou inconsciente. Culpeper (1996) é considerado um dos principais pesquisadores da descortesia linguística. Ele retoma, inicialmente, os estudos de Brown & Levinson (1978; 1987) para criticar o fato de eles não contemplarem a problemática da descortesia em seus estudos. Inicialmente, ele retoma o conceito de face, mas ancorado em algumas categorias estabelecidas por ele, tais como: qualidade, relação, identidade social, normas sociais e moralidade. O teórico sustenta que a descortesia é um campo multidisciplinar e que pode se relacionar com a psicologia e a sociologia, por exemplo. Ele sustenta que a descortesia não é simplesmente um ataque à imagem do outro, mas sim que deveríamos considerar o conjunto de fatores que a desencadeiam. Este ponto de vista converge com o propósito de nosso estudo e, sendo assim, adotamos a definição de descortesia dada por Culpeper:

Descortesia é uma atitude negativa em relação a comportamentos específicos em contextos específicos. É sustentada por expectativas, desejos e/ou crenças sobre uma organização social, incluindo aí como a identidade de uma pessoa ou de um grupo são mediadas por outras interações. Alguns comportamentos são vistos negativamente - considerados mesmo descorteses - quando há o conflito do que alguém espera que seja, como quer que seja e/ou como alguém pensa que deve ser em uma interação. Tais comportamentos sempre têm ou presumem ter consequências emocionais por pelo menos um participante da interação, ou seja, causam ou devem causar ofensa. Vários fatores podem exacerbar o grau de ofensa de um comportamento interpretado como descortês, incluindo, por exemplo, se alguém entende que tal comportamento é intencional ou não⁵. (CULPEPER, 2011, p. 23, *tradução nossa*)

⁵ No original: Impoliteness is a negative attitude towards specific behaviours occurring in specific contexts. It is sustained by expectations, desires and /or beliefs about social organization, including, in particular, how one person's or a group's identities are mediated by others in interaction. Situated behaviours are viewed negatively – considered 'impolite' – when they conflict with how one expects them to be, how one wants them to be and/or how one thinks they ought to be. Such behaviours always have or are presumed to have emotional consequences for at least one participant, that is, they cause or are presumed to cause offence. Various factors can exacerbate how offensive an impolite behaviour is taken to be, including for example whether one understands a behaviour to be strongly intentional or not. (CULPEPER, 2011, p. 23)

Leech (1983) retoma os estudos de Brown & Levinson (1978;1987) e mais tarde, em *The Pragmatics of Politeness* (2014), ele rediscute os trabalhos de Culpeper (1996; 2011) para estudar os fenômenos da cortesia e da descortesia. Para ele, as pessoas agirão com descortesia se houver, ao menos, algum motivo para tal, pois há diferentes tipos e situações em que a descortesia predominará mais que a cortesia, assim como haverá contextos em que a cortesia é esperada. Ele estabelece, então, algumas estratégias gerais do fenômeno da descortesia, ilustradas na tabela a seguir:

Tabela 1 - As condições de infração da Estratégia Geral da Descortesia de Leech, traduzida e adaptada (2014, p. 221)

As categorias de condições de infração da Estratégia Geral da Descortesia			
Violação da máxima (expressa de forma imperativa)	Par de máximas relacionadas	Categorias das Máximas violadas	Classes de atos de fala
(M1) Atribuir um valor desfavorável aos interesses do interlocutor	Generosidade/ Tato	Generosidade	Recusar, ameaçar
(M2) Atribuir um valor favorável aos interesses do locutor		Tato	Ordem, demanda
(M3) Atribuir um valor desfavorável às qualidades do interlocutor	Aprovação/ Modéstia	Aprovação	Insultar, reclamar, falar mal do outro
(M4) Atribuir um valor favorável às qualidades do locutor		Modéstia	Gabar-se, ser complacente
(M5) Atribuir um valor desfavorável às obrigações do locutor para com o interlocutor	Obrigação	Obrigação (ao Outro)	Recusar agradecimentos ou desculpas
(M6) Atribuir um valor favorável às obrigações do interlocutor para com o locutor		Obrigação (ao Locutor)	Pedir agradecimentos ou desculpas
(M7) Atribuir um valor desfavorável às opiniões do interlocutor	Opinião	Concordância	Discordar, contradizer
(M8) Atribuir um valor favorável às opiniões do locutor		Opinião reticente	Ser opinativo
(M9) Atribuir um valor desfavorável aos sentimentos do interlocutor	Sentimento	Simpatia	Expressar antipatia ao Outro
(M10) Atribuir um valor favorável aos sentimentos do locutor		Sentimento reticente	Reclamar, resmungar

Observa-se que, para ser cortês, o falante deve sempre evitar colocar-se em uma posição privilegiada em relação ao outro, além de evitar depreciações. Dependendo da interação e do contexto, alguma máxima será priorizada em detrimento de outra ou mesmo pode ser realizada combinada com outras.

Para Leech (2014), as Máximas da Cortesia se relacionam em oposição a outros fenômenos, tal como a não-cortesia, termo emprestado de Culpeper (1996; 2011), a descortesia, a ironia ou sarcasmo e o gracejo. Todos esses fenômenos, em certo sentido, contrastam com a cortesia de maneiras diferentes. No caso da ironia conversacional ou do sarcasmo, o contraste é entre o significado denotativo, que é cortês, e o significado conotativo ou implicado, que é o seu oposto.

3. A ironia na interação

A ironia é um fenômeno linguístico complexo, uma vez que depende da situação comunicativa para a sua interpretação e compreensão. A primeira acepção de ironia no dicionário *Houaiss* destaca que se trata de uma “[...] figura por meio da qual se passa uma mensagem diferente, muitas vezes contrária, à mensagem literal, geralmente com objetivo de criticar ou promover humor [A ironia ressalta do contexto.]⁶”.

Desde a Grécia Antiga, a ironia já se fazia presente no discurso socrático, porém tinha uma dimensão diferente do que nós conhecemos hoje. Naquela época, a ironia era empregada de modo a fazer as pessoas julgarem elas mesmas e para que elas tivessem consciência da ignorância delas. É frequente o uso de humor na ironia, mas nem sempre o humor terá um sentido irônico, assim como o sarcasmo. Muitas vezes, a ironia e o sarcasmo possuem uma fronteira ambígua entre um e outro, tanto que Leech (1983; 2014) considera ambos como sinônimos, entretanto o sarcasmo funciona como instrumento de crítica e pretende magoar e ferir o interlocutor, de acordo com Guimarães (2001). Na interação face a face, a ironia pode ser codificada mais facilmente por gestos e entonações, enquanto, na escrita, podemos algumas vezes identificá-la com o uso de aspas ou parênteses, mas nem sempre os participantes da interação na rede social digital possuem competência pragmática para

⁶ Disponível em <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em 05 de abril de 2017, às 15h.

identificá-la. Nas redes sociais digitais, alguns participantes têm a iniciativa de explicitar que se trata de uma enunciação irônica, tal como ilustra a interação a seguir:

Figura 1- Exemplo de ironia em uma publicação no *Facebook*

The image shows a Facebook post from BBC News Brasil, dated 18 hours ago. The post features a video thumbnail with the text "EMBAIXADOR EDUARDO BOLSONARO?" and a BBC News logo. Below the video, there is a YouTube link and a caption: "Exclusivo: Eduardo Bolsonaro nos EUA 'não é negócio de família', diz Ernesto Araújo".

Several comments are visible on the right side of the post, illustrating irony:

- Comment 1: "Só porque é filho é da família? Ces são muito rígidos..." (Only because he is the son of the family? They are very rigid...)
- Comment 2: "mais é óbvio kkkkkk" (it's obvious kkkkkk)
- Comment 3: "ce entendeu que é ironia né?..." (did you understand that it is irony, huh?...)
- Comment 4: "acho que sim kkkk" (I think so kkkk)
- Comment 5: "ironia escrita nao funciona, ironia é tom de voz, caras e bocas" (written irony doesn't work, irony is tone of voice, facial expressions)

Below the main post, there is a larger comment from user M [redacted] that reads: "Meu pai é, sim, presidente do Brasil. Eu trabalhei, sim, com o meu pai. E se eu continuei trabalhando com ele FOI PORQUE EU MERECEI!!!!!! Agora Por que se eu sou indicado para ser embaixador nos EUA FOI PORQUE EU MERECEI!!!!!!". Below this comment, it says "Contém ironia." (Contains irony.)

Fonte: Facebook (2019)

A ironia, em geral, pode ser determinada no nível lexical ou no nível sintático, tal como a inversão do uso de algumas palavras na frase. Sobre a interpretação correta da ironia por parte do interlocutor, Guimarães sustenta:

Se é certo que um ouvinte tem determinadas expectativas, não será menos correcto afirmar que o emissor de uma mensagem, aquele que a codifica, possui também à partida algumas expectativas quanto à capacidade de descodificação do seu interlocutor. Ele de certa forma joga com a capacidade de descodificação do destinatário (...) ao emissor é exigida uma grande capacidade de diferenciação, no momento da escolha das estratégias, dos veículos em que vai fazer transportar a sua ironia. Para que o emissor seja bem sucedido, não basta que ele próprio fique satisfeito com as formulações por que optou. Os seus esforços só serão coroados de êxito, se conseguir que o receptor chegue às conclusões que ele próprio tinha antecipado como sendo as correctas, e para que isso aconteça ele tem, por vezes, de "impedir" o acesso a conclusões erradas, reduzindo assim as possibilidades de fracasso para o seu interlocutor e, de certa forma, também para si mesmo. (GUIMARÃES, 2001, p. 416)

Grice (1982 [1975]) não faz muitas referências à ironia em suas máximas, no entanto, consideramos que a ironia é uma violação à máxima da qualidade e do princípio de cooperação, uma vez que não há uma contribuição da verdade por parte do locutor. Searle (2002 [1979]) defende que a enunciação irônica é aquela cujo falante pretende significar o oposto do que diz e, neste sentido, vai ao encontro ao pensamento de Grice, já que o locutor não contribui com a verdade dizendo o oposto do que se pretende.

De acordo com a linha interacionista de Brown & Levinson (1987), a ironia estaria inserida na categoria *off-record*, pois é uma estratégia de indireção que possibilita uma margem de negociação de sentido. Como a ironia veicula uma crítica de forma implícita, ela é essencialmente um ato de fala descortês, já que exige um esforço interpretativo maior e nem sempre o interlocutor entende de imediato. Muitas vezes, ela representa uma estratégia para desconstruir o discurso do outro, desvalorizando-o.

Para Braz (2014), a ironia pode ser empregada para fins argumentativos e persuasivos e depende de fatores contextuais para que o enunciado seja considerado inadequado em seu sentido literal. Díaz Pérez (2012) considera a ironia como uma descortesia indireta devido ao fato de ser um recurso que esconde a ofensa mas que não a elimina. Neste sentido,

A descortesia indireta é considerada, em geral, mais ofensiva que [a descortesia] direta (Fuentes Rodríguez e Alcaide Lara 2008: 25) e, portanto, entende-se que o ofensor direto é mais favorável à sua vítima do que aquele que o faz de uma maneira indireta e, portanto, distorcida⁷. (DÍAZ PÉREZ, 2012, p. 154, *tradução nossa*)

Braz (2014) defende a ambivalência da ironia, pois segundo a interpretação da pesquisadora, a ironia permite mitigar o ataque à imagem positiva do interlocutor, uma vez que a apreciação negativa se dá de forma indireta. Assim como os demais teóricos, ela também dá destaque ao contexto:

A ironia é então entendida como um fenômeno semântico fortemente dependente de fatores contextuais, sendo assinalada pela inadequação entre o sentido literal da frase e o seu contexto de produção. Possui uma dimensão avaliativa intrínseca a que não é estranho o seu emprego com fins argumentativos e persuasivos. (BRAZ, 2014, p.175)

Alvarado & Padilla (2007) sustentam que é necessário considerar vários aspectos para se compreender a ironia, como a situação comunicativa e o uso das máximas conversacionais. Para os pesquisadores, há marcas e indicadores que ajudam a interpretar se um enunciado é irônico ou não, tais como: indicadores linguísticos (ordem das palavras, uso de superlativos, diminutivos, etc.); indicadores cinésicos (gestos, piscadelas, caretas, etc.); indicadores paralinguísticos (sorrisos, risos, etc.); e indicadores acústico-melódicos (entonação, pausas, alongamentos vocálicos, etc.).

Leech (1983; 2014) também é um dos teóricos que defendem a importância do contexto para a correta interpretação da ironia. Conforme Leech (1983; 2014), a ironia faz

⁷ No original: La descortesia indirecta es considerada, en general, más ofensiva que la directa (Fuentes Rodríguez y Alcaide Lara 2008: 25) y, por lo tanto, se entiende que el ofensor directo es más solidario con su víctima que el que lo hace de una manera indirecta y, por lo tanto, retorcida. (DÍAZ PÉREZ, 2012, p. 154)

com que a máxima de tato seja violada e, desta forma, o locutor deve fornecer pistas ao interlocutor sobre o caráter irônico de seu enunciado.

Leech também observou que havia enunciados ofensivos que pareciam simpáticos e corteses e, no entanto, o contexto indicava o contrário. Ele denominou esse fenômeno de *mock-politeness*, termo utilizado neste trabalho como pseudocortesia. Para ele, a ironia pode ser uma forma de pseudocortesia, pois permite ao locutor ser indelicado aparentando delicadeza e não age, assim, de maneira sincera. Por outro lado, o pesquisador também identificou situações em que o comportamento verbal era ofensivo, mas era coerente ao contexto, muitas vezes em situações de amizade e intimidade.

A ironia é uma estratégia linguística usada para fins descorteses proveniente de uma grande competência linguística por parte do emissor, pois muitas vezes não é necessário usar um léxico ou uma unidade linguística socialmente marcada como grosseira ou pejorativa para marcá-la, ou seja, a descortesia se dá de forma velada. Para Leech (2014), a ironia tende a ser mais complexa, engenhosa, espirituosa e /ou divertida do que um enunciado cortês realizado de forma direta. De acordo com Kerbrat-Orecchioni:

A ironia pode também vir alojar-se nos reguladores tais como "ah", "pois bem", "certo", "muito bem", "ah é?" e suas diversas combinações (exemplo; "ah certo porque - pois é pois é certo"); ou ainda nas fórmulas de polidez (desculpas ou agradecimento: "eu lhe agradeço por essa estrelinha"...). (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014, p. 75)

Assim, é possível perceber as várias possibilidades de manifestação da ironia em diferentes contextos de interação. A identificação de um enunciado irônico será de extrema importância na verificação dos atos atenuadores ou intensificadores da descortesia, em especial nas redes sociais digitais.

4. Análise de dois exemplos extraídos no Facebook

A interação e o engajamento dos interlocutores nos grupos da rede social digital *Facebook* acontecem, predominantemente, por meio de um pedido ou de uma pergunta. Essas

realizações, muitas vezes, ocorrem de maneira direta ou indireta, e isso gera, também, uma resposta adequada ou inadequada ao gênero de pergunta e/ou solicitação. Ressalta-se, assim, o valor iniciativo deste tipo de ato desencadeador de uma reação por parte dos membros do grupo. É por meio da ação pedido-resposta que a interação na rede social digital toma forma.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2005), existem *enunciados iniciativos*, ou seja, aqueles que trazem consequências na continuidade do discurso e os *enunciados reativos*, ou seja, desencadeados pelo enunciado anterior e pela situação interacional. Nos grupos do *Facebook*, em especial em nosso *corpus*, observou-se a predominância dos atos iniciativos como perguntas e solicitações para dar início à troca comunicacional na rede social digital. É a partir do ato iniciativo que os participantes da rede social digital estabelecem uma relação de distância ou proximidade, e/ou conflito e boa convivência.

O exemplo a seguir se configura como um pedido de ajuda aos participantes de um grupo público do curso de Letras da Universidade de São Paulo. O grupo foi criado com o intuito de reunir alunos da faculdade de Letras da USP. Os participantes podem (ou não) se conhecer pessoalmente, uma vez que a cada ano ingressam mais de oitocentos alunos no curso de Letras, nos períodos matutino e noturno. Atualmente, o grupo conta com aproximadamente doze mil integrantes, no ano de 2019.

EXEMPLO 1

Figura 2 - Exemplo de descortesia no grupo de Letras/USP



Fonte: Facebook (2015)

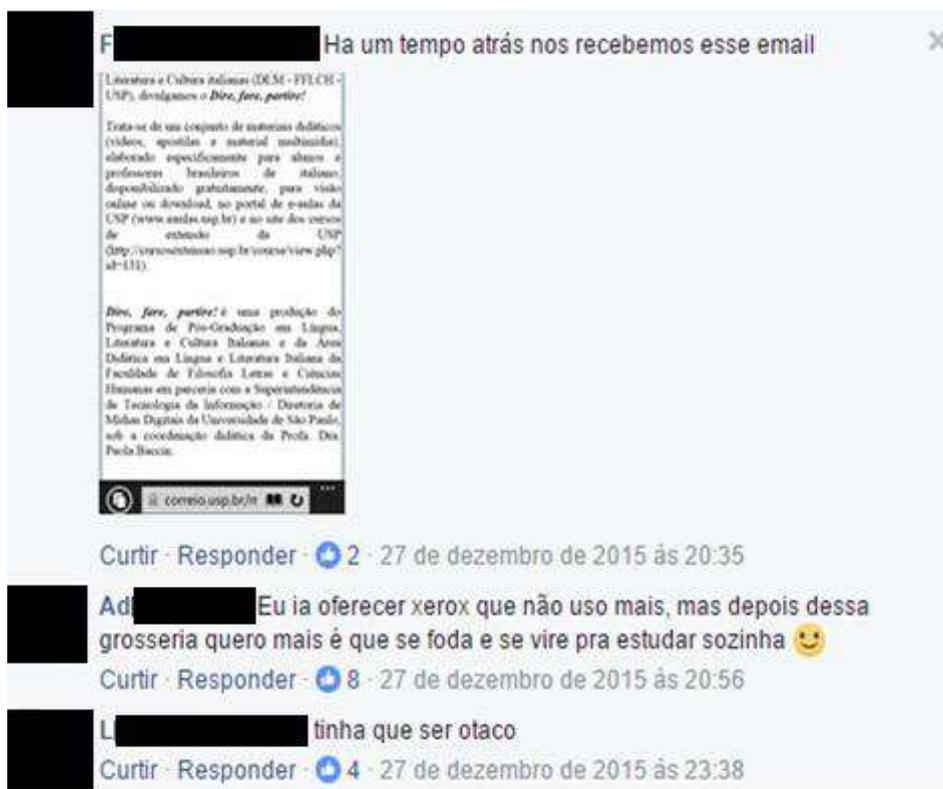
A faz um pedido de ajuda no grupo, pois precisa de doação de material de língua italiana para estudo: "Pessoal, alguém poderia me ajudar doando material de italiano, pode ser qualquer coisa que já ajuda. Obrigada". A tenta ser clara em sua publicação, visto que coloca entre parênteses quais são os alunos a quem ela se dirige: "(turmas do ITALIANO)". Ao realizar o pedido, A usa também o futuro do pretérito e agradece antecipadamente, recursos esses que preservam sua imagem pessoal diante de uma ameaça de se fazer um pedido.

M, imediatamente, responde e sugere o material disponibilizado na internet pela Universidade de São Paulo: "Se for pra iniciantes, tem o Dire, Fare, Partire disponibilizado na internet. É um material desenvolvido pelos professores da USP e é muito bom pra quem tá começando". A resposta de M obtém 6 curtidas, ou seja, alguns participantes não escrevem o comentário, porém estão de acordo com a sugestão de M.

A, no entanto, recusa a ajuda de M e responde: "Eu sei criatura linda e divina, falo de xerox, por exemplo. Mesmo assim obrigada." Apesar do contexto virtual não permitir

verificar o tom desse enunciado, o elogio “linda e divina” foi interpretado como ironia por **M** e pelos demais participantes, pois a palavra "criatura" costuma exercer uma carga negativa de sentido. O elogio, em si, constitui um ato de alto risco da imagem pessoal tanto para quem elogia quanto para quem é elogiado. Apesar da recusa da oferta de **M**, **A** atenua a ameaça agradecendo: "Mesmo assim obrigada". **M** fica surpresa e espantada com a resposta e a expressa por meio da interjeição “nossa” e ri da situação: "nossa, ok então hahaha". Outro interactante, **AA**, critica a falta de educação de **A** de maneira indireta, por meio de ironia, reforçada pelas reticências "nossa que educação..." e a manda procurar uma gramática na internet. **AA**, desta forma, além de criticar **A**, também se recusa a ajudar. Após a reação negativa dos interactantes, **A** se dirige a **M**, marcando-a no comentário e se desculpa, perguntando se a ofendeu "Cara **M**, me perdoe se lhe ofendi. No entanto, falei-lhe com educação?". **A** tenta recuperar sua imagem entre os participantes do grupo atenuando a recusa ao se desculpar, ao mesmo tempo que **A** reitera que não foi intencional a ameaça contra **M**: "No entanto, falei-lhe com educação?". **M** não participa mais da interação e não responde **A**. **F**, por sua vez, participa da interação, sugerindo o mesmo material da internet já citado por **M** anteriormente. Percebe-se, assim, que **F** não leu os comentários anteriores da publicação.

Figura 3- Exemplo de descortesia no grupo de Letras/USP



Fonte: Facebook (2015)

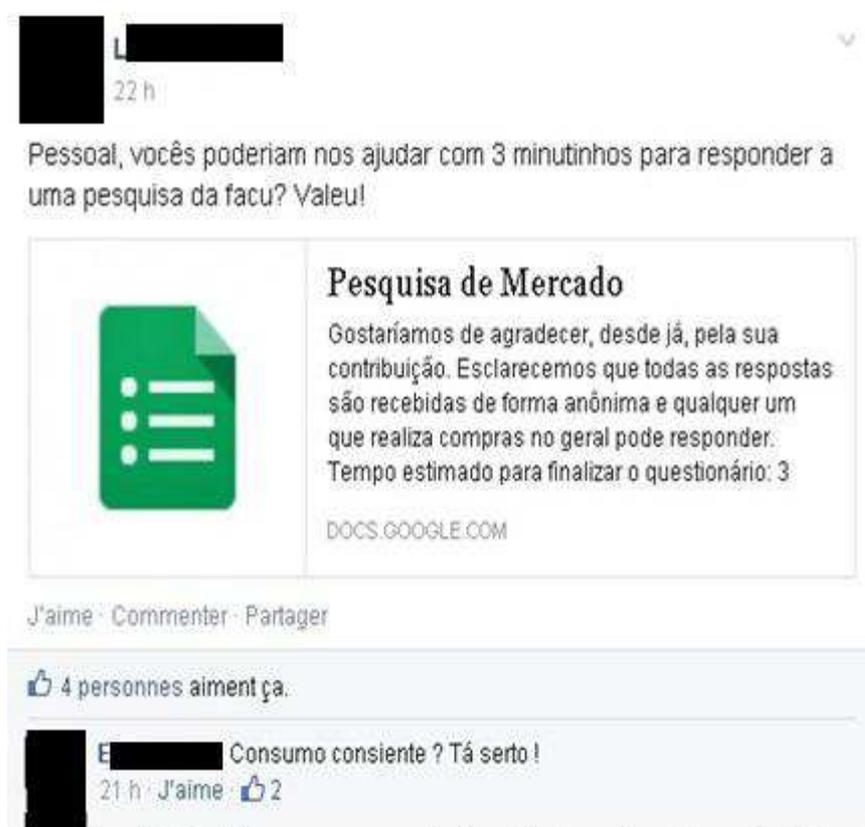
Ad também interage, comentando que poderia ajudar se não fosse a grosseria demonstrada por **A**: "Eu ia oferecer xerox que não uso mais, mas depois dessa grosseria quero mais é que se foda e se vire pra estudar sozinha". Por meio de seu comentário, **Ad** iria ajudar **A**, porém como a intervenção de **A** contra **M** foi considerada descortês, **Ad** recusa a ajuda e intensifica a descortesia desejando que **A** "se foda" sendo irônica com um *emoticon* sorrindo após o insulto contra **A**. O comentário de **Ad** obtém 8 curtidas, ou seja, mesmo que os outros participantes não comentem na publicação de **A**, eles estão de acordo com o que **Ad** defende. **L**, por sua vez, faz um insulto indireto a **A**, ao usar a expressão "tinha que ser otaco". Subentende-se que **L** não gosta do comportamento de otacos, ou seja, fãs de desenhos japoneses. No perfil de **A**, em vez de ter sua fotografia de perfil, **A** tinha uma figura de uma personagem de desenho japonês.

Nota-se, assim, que **A** não obteve sucesso em seu pedido, principalmente devido a dois fatores: a falta de clareza no pedido, uma vez que **A** teve que esclarecer na resposta a **M** que se tratava de xerox e não era qualquer material como havia mencionado antes; e porque **A** recusa a oferta dos participantes, reforçada com o uso de ironia das escolhas lexicais. No que

tange à violação das máximas de cortesia de Leech (2014), observa-se que **A** não obteve sucesso em seu pedido por atribuir um valor desfavorável aos interesses do interlocutor, uma vez que os estudantes tentaram ajudar, porém **A** recusou a ajuda tal como foi proposta pelos alunos e atribuiu um valor desfavorável às qualidades do interlocutor **M**, com o uso de um vocabulário com carga de sentido negativa, "criatura linda e divina". Os interlocutores, então, não cooperaram para o sucesso do pedido.

EXEMPLO 2

Figura 4 - Exemplo de descortesia no grupo de Letras/USP



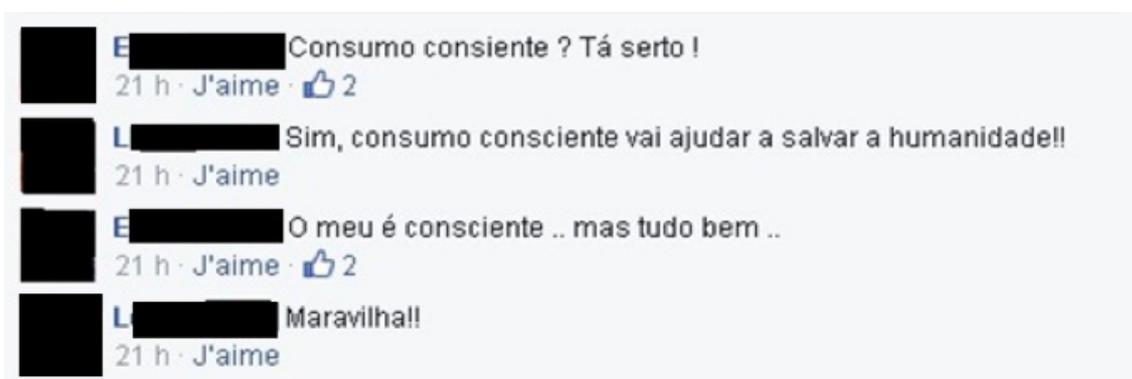
Fonte: Facebook (2015)

L faz um pedido de ajuda no grupo do curso de Letras para que os alunos do grupo respondam um questionário para uma pesquisa da faculdade. Para realizar a sua solicitação, **L** aborda os alunos do grupo com o uso do futuro do pretérito e agradece antecipadamente, atenuando assim um possível risco de ameaça à sua imagem e à imagem dos participantes do grupo: "Pessoal, vocês poderiam nos ajudar com 3 minutinhos para responder a uma pesquisa

da facu? Valeu!". **L** também enfatiza o tempo a ser gasto para responder a pesquisa com o uso do diminutivo "3 minutinhos" e, recebe, logo em seguida, a primeira resposta, feita por meio de uma pergunta do interlocutor **E**: "Consumo consiente? Tá serto!"

A pergunta de **E** ironiza o erro presente no questionário enviado no link por **L**, no qual estava escrito "consiente". **E** usa uma expressão recorrente no mundo virtual, quando os interlocutores percebem um erro em alguma publicação. A expressão "Tá serto", escrita com "s" em vez de "c", escrita de forma errada propositalmente para criticar quem cometeu o erro.

Figura 5 - Exemplo de descortesia no grupo de Letras/USP



Fonte: Facebook (2015)

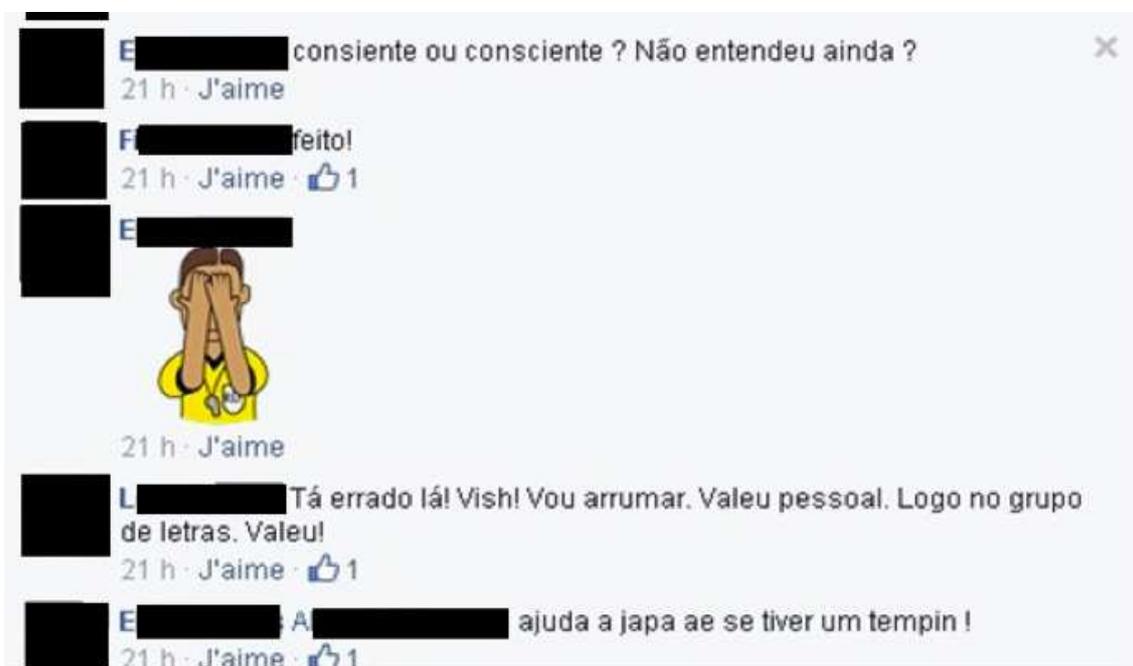
L parece não entender a crítica, defendendo o seu ponto de vista de que o consumo consciente ajudará a salvar a humanidade e retoma as palavras de **E** para reafirmá-la.

E percebe que **L** não entendeu a crítica e insiste, escrevendo a palavra "consciente" de forma correta e com uso de reticências. Seria uma outra tentativa de **E** de ter seu comentário compreendido por **L**; **E** insiste em criticar **L** de forma indireta, porém reformula o comentário de outra maneira. Diante da resposta inesperada de **L** para **E**, com o elogio "Maravilha!!", **E** faz outra pergunta, pois está ciente de que seus comentários seriam ameaçadores em relação a **L** e estranha o comportamento cortês de **L**: "Consiente ou Consciente? Não entendeu ainda?". A estratégia de **E**, dessa vez, é reformular uma outra pergunta com os termos "consiente" e "consciente" utilizados por **L** e por **E**, respectivamente, para se fazer entender em sua crítica e ter, assim, sua mensagem decodificada por **L**, complementando com outra pergunta "Não entendeu ainda?" e, esperando assim, uma resposta de **L**. Durante esta interação entre **E** e **L**, **F** responde o questionário de **L**, porém não critica **L** em relação ao erro contido no questionário: "Feito". **F** faz somente a ação que foi pedida. **E**, como ainda não obtém resposta

de **L**, usa um *sticker* com as mãos no rosto para expressar vergonha de **L**, que não entendeu ainda a crítica. Depois da insistência de **E**, **L** percebe o problema, admite o erro e mantém a cortesia com **E** e os demais interlocutores. **L** agradece a correção de **E** de forma generalizante "Valeu pessoal. Logo no grupo de letras. Valeu!". **E**, por sua vez, não se dirige mais a **L**, mas marca um amigo no comentário, **A**, para que ele pudesse ajudar **L**. Apesar de **E** mobilizar um amigo para ajudar **L**, **E** ainda assim usa um tratamento descortês para se referir a **L**, "japa".

Neste Inquérito 4, **L** faz um pedido no grupo de Letras e consegue o feito de os alunos participarem da pesquisa. **L**, no entanto, teve a imagem ameaçada algumas vezes, sobretudo pelo erro do questionário exposto no grupo por **E**, além de **L** não ter percebido a crítica de **E** de imediato e ser, assim, ridicularizada diante dos demais participantes. Apesar de **L** ter ficado com sua imagem vulnerável na interação, **L** manteve a cortesia mesmo com sua face ameaçada e obteve sucesso em seu pedido, pois teve seu questionário respondido, inclusive por **E**, que a criticou. **E** coopera positiva e negativamente na interação, visto que realiza o ato pedido por **L**, porém não deixa de criticar **L**.

Figura 6 - Exemplo de descortesia no grupo de Letras/USP



Fonte: Facebook (2015)

Percebe-se, então, um problema de mal-entendido entre os interlocutores, sobretudo entre o sentido intencional que **E** desejou transmitir e o sentido decodificado pelo receptor. O sentido só foi decodificado depois da insistência de **E**. **L** teve sua face ameaçada ao fazer um pedido, ao mesmo tempo em que foi criticada pelo erro de português presente no questionário. Criticada com uma ironia, que não foi percebida por **L**, **E** não obteve sucesso em sua crítica e igualmente ameaçou sua própria imagem.

Considerações finais

Inicialmente, apresentamos os pressupostos teóricos que colaboraram com o desenvolvimento de teorias acerca da cortesia, ou seja, os estudos dos Filósofos da Linguagem. A partir da discussão das teorias de Grice, Austin e Searle, pesquisadores de linha interacionista se apoiaram na Sociologia para compreender a dinâmica de uma interação harmoniosa. Brown & Levinson foram dos primeiros no estudo da cortesia linguística e, influenciaram demais pesquisadores a pensar sobre o tema. Apesar de a teoria ser criticada pela sua universalidade, Leech pondera que, ainda assim, é possível pensar a interação entre os interlocutores sob a perspectiva de Brown & Levinson. Leech desenvolve, em um primeiro momento, o Princípio da Cortesia em sua obra, *Principles of Pragmatics*, embora, mais tarde, o teórico retome o estudo do fenômeno da cortesia de maneira mais descritiva, pensando em diferentes culturas, em *Pragmatics of Politeness*.

Partindo do pressuposto de que a linguagem virtual apresenta características semelhantes à conversação face a face, observamos que os interlocutores recorrem a artifícios linguísticos ou gráficos para ter a mensagem bem compreendida pelos demais participantes, mas, nem sempre a interação virtual se dá de forma harmoniosa, tal como ocorre também em uma interação face a face. Observamos que os recursos verbais e não-verbais são explorados pelos participantes da rede social digital para suprir os elementos paralinguísticos de uma interação presencial, entretanto, a enunciação dos participantes da rede social digital nem sempre é bem sucedida, uma vez que alguns interlocutores podem não compreender uma ironia ou o objetivo de uma mensagem de uma publicação na rede social digital, fato que pode gerar a descortesia entre os interlocutores.

O conflito desencadeia manifestações descorteses, e a rápida difusão de comentários nas redes sociais digitais abre espaço para expressões ofensivas como os insultos, visto que muitos usuários não se encontram em presença física com os demais participantes. A tensão provocada por um comentário depende do contexto do ato comunicativo, especialmente de como o receptor da mensagem vai agir diante de um comentário hostil. Deve-se considerar em que medida o interlocutor mostra seu desacordo em relação ao ataque recebido e em que grau realiza suas atividades de ameaça à imagem do interlocutor.

Embora não tenham sido concebidas para a interação *on-line*, as máximas de Cortesia de Leech, adotadas neste trabalho, mostram-se como um bom fio condutor nas análises das conversações virtuais, visto que muitos fatores, tal como a ironia, suscitam a descortesia.

Consideramos que a teoria de Leech, embora seja simplificada diante da complexidade de interação no ambiente *on-line*, fornece elementos para que o fenômeno da descortesia seja desenvolvido por outros teóricos.

Referências

ALVARADO, Belén; PADILLA, Xose A. La ironia o como enmascarar un acto supuestamente amenazante. In: *Actas del Congreso de EDICE en Valencia*, 2007.

ARMENGAUD, Françoise. *A pragmática*. São Paulo: Parábola, 2006.

AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1969].

BENTES, Anna Christina; VILLAÇA, Ingedore Grunfeld. Aspectos da cortesia na interação face a face. In: PRETI, Dino (Org.) *Cortesia verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008, p.19-48.

BRAZ, Ana Cristina Pereira. A ironia no debate parlamentar português: veículo de (des) cortesia verbal. In: SEARA, Isabel Roboredo (Org.) *Cortesia: olhares e (re) invenções*. Lisboa: Chiado, p.173-190, 2014.

BROWN, Penélope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness: some universals in language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CULPEPER, Jonathan. *Towards an anatomy of impoliteness*. Journal of Pragmatics 25 (3), 349-367.

_____, Jonathan. *Impoliteness: using language to cause offence*. Londres: Cambridge University Press, 2011.

DÍAZ PÉREZ, Juan Carlos. *Pragmalingüística del disfemismo y la descortesía: los actos de habla hostiles en los medios de comunicación virtual*. Tese de doutoramento. Universidad Carlos III de Madrid, 2012.

GRICE, Herbert P. Lógica e Conversação. In: DASCAL, Marcelo (Org.). *Fundamentos metodológicos da Linguística*. Campinas: Ed.Particula, vol IV, p.81-103, 1982 [1975].

GUIMARÃES, Maria Joana. Ironia: uma primeira abordagem. In: *Revista da Faculdade de Letras "Línguas e Literaturas"*, Porto, XVIII, p. 411-422, 2001.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Os atos de linguagem no discurso: teoria e funcionamento*. Tradução de Fernando Afonso de Almeida. Niterói: EdUFF, 2005.

_____, Catherine. Polidez e impolidez nos debates políticos televisivos: o caso dos debates entre dois turnos dos presidentes franceses. In: SEARA, Isabel Roboredo (Org.) *Cortesía: olhares e (re) invenções*. Lisboa: Chiado p.47-79, 2014.

LEECH, Geoffrey. *N Principles of Pragmatics*. Londres: Longman, 1983.

_____, Geoffrey N. *The Pragmatics of Politeness*. Nova York: Oxford University Press, 2014.

SEARLE, John R. *Expressão e significado: estudo da teoria dos atos de fala*. Tradução: Ana Cecília G.A. de Camargo, Ana Luiza Marcondes Garcia. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2002. [1979]

SILVA, Luiz Antônio da. Conversação: modelos de análise. In: SILVA, Luiz Antônio da. (Org.) *A língua que falamos*. São Paulo: Globo, 2005.

_____, Luiz Antônio da. Cortesia e formas de tratamento. In: PRETI, Dino (Org.) *Cortesía verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008, p. 157-192.

The ironic impoliteness speech act on digital social network Facebook

Abstract: Although manifestations of courtesy and discourtesy have been studied in the context of face-to-face conversation and virtual conversation, there is still a gap in the studies regarding discourtesy, especially in the virtual world. Note the absence of a study of verbal and nonverbal elements in online interactions that trigger discourtesy. As a criterion for choosing the corpus in this article, we sought examples of impoliteness arising from the use of irony in a group of the Facebook social network and, based on the examples, we realized the need to discuss the Politeness Principle and the General Politeness Strategies by Leech (1983; 2014). Through the analysis of some examples, it is observed that the use of irony in interaction is a crucial factor for impoliteness manifestations in interaction. To understand the dynamics of a virtual conversation, we find theoretical support in Speech Act Theory, Austin (1990 [1969]), Searle (2002 [1979]) and Cooperative Principle by Grice (1982 [1975]). Therefore, Pragmatics will provide theoretical support for this article, as it considers

language as an action and as the product of an intention within a specific sociocultural and situational context.

Keywords: impoliteness. interaction. digital social network

Recebido em: 30 de novembro de 2019.

Aceito em: 26 de dezembro de 2019.